

MINISTÉRIO DA GUERRA

***Em Memória das Vítimas
do
Comunismo no Brasil***



IMPrensa MILITAR

RIO DE JANEIRO - 1945

Em Memória das Vítimas do Comunismo no Brasil

Programa a ser observado em todas as guarnições, em memória dos que tombaram, vítimas do comunismo no Brasil, em 1935

(RESERVADO - PARA EXECUÇÃO OSTENSIVA)

A - Durante a 1ª quinzena de novembro:

Preleções nos quartéis, feitas pelos comandantes de Corpos e por oficiais por eles designados, destinadas a oficiais e praças (Tema = Indicados em anexo n. 1).

B - Durante a 2ª quinzena de novembro:

Distribuição às unidades (para oficiais e sargentos) de uma 2ª edição do livro "Em Guarda", editado pela Biblioteca Militar em 1937, acrescido de um 2º volume contendo as orações proferidas por várias autoridades, em anos sucessivos, nas comemorações de 27 de novembro.

Distribuição de folhetos e documentos de combate ao comunismo, enviados aos corpos para que estes multipliquem as edições, fazendo distribuição à tropa e à sociedade civil. (Anexos ns. 2, 3, 4 e 5).

Solenidades civis, em todas as guarnições, com oradores civis e militares (sob as vistas dos respectivos comandantes de guarnição).

C - No dia 27 de novembro:

Missas em memórias das vítimas do comunismo, mandadas celebrar pelos corpos de tropa, em todas as guarnições, com assistência dos militares e da população civil.

Sessões cívicas comemorativas, com oradores civis e militares, promovidas pelas autoridades locais (militares e civis), em todas as guarnições.

Na Capital Federal - Programa especial, a cargo do Ministério da Guerra.

Nas sedes de Comandos de Regiões Militares - Programas especiais, a cargo dos respectivos Generais Comandantes.

ANEXO N. 1

TEMAS PARA PRELEÇÕES

- 1 – Estudar o totalitarismo do regime comunista.
- 2 – Mostrar que o regime comunista é tirânico. Que os Chefes são senhores e o povo é escravo.
- 3 – Mostrar que o regime implantado na Rússia deseja submeter o Mundo ao seu imperialismo.
- 4 – Mostrar que no regime comunista o operário só tem um direito: trabalhar para o Estado.
- 5 – Reviver as atrocidades durante a revolução comunista.
- 6 – Analisar a amoralidade da doutrina comunista e seus conceitos sobre família, religião e liberdade.
- 7 – Lembrar que na revolta de 27 de novembro de 1935, foram praticados verdadeiros assassinios.
- 8 – Desmascarar o falso patriotismo dos comunistas brasileiros, que dizem desejar o progresso do Brasil, quando trabalham, de fato, pelo comunismo russo.
- 9 – Desmascarar os Comitês Progressivos dos bairros, como um processo de arregimentação comunista. Esses "comitês" são idênticos aos "soviets" organizados na Rússia, às vésperas da implantação do comunismo naquela Nação.
- 10 – Incentivar o nacionalismo, destacando que só devemos amar e adotar a bandeira do Brasil e não a da Internacional Comunista da foice e martelo.
- 11 – Alertar que a técnica comunista é a de infiltração traiçoeira, com promessas que nunca são realizadas.
- 12 – Ressaltar as perseguições religiosas na Rússia.
- 13 – Mostrar o ridículo do espírito de imitação dos regimes exóticos, que atenta contra a personalidade de um povo.
- 14 – Mostrar que o comunismo é uma ameaça à soberania do nosso País.
- 15 – Lembrar que a Rússia tem 180 milhões de habitantes, dos quais 6 milhões são comunistas que vivem do trabalho e do sacrifício de 174 milhões de escravos.

16 - Esclarecer que o comunismo é contra a religião, mas os seus agentes fazem-se passar por amigos da Igreja para iludir os crentes.

17 - Examinar os Estatutos do Partido Comunista nas partes em que atestam contra a soberania nacional e a dignidade da sociedade brasileira.

ANEXO N. 2

DETESTO O COMUNISMO

Brasileiro:

Lê, relê, decora, recita, copia e envia
a teus conhecidos, amigos e inimigos.

1 - Porque amo a Bandeira do Brasil, verde e amarela, com o Cruzeiro do Sul e o distico "Ordem e Progresso", e não a bandeira vermelha, com a foice e o martelo, símbolos da morte e da destruição.

2 - Porque não me subordino, nem me ligo a estrangeiros para matar brasileiros, traiçoeiramente, como foi feito em novembro de 1935.

3 - Porque não confio em líderes operários que não trabalham e não tem profissão, vivendo a explorar os verdadeiros trabalhadores, a perturbar a ordem.

4 - Porque tenho amor à minha mulher e às minhas filhas, e não quero que elas e as outras mulheres brasileiras sirvam de pasto à volúpia de indivíduos sem moral.

5 - Porque não quero ser escravo de ninguém, muito menos de Stalin ou de qualquer outro potentado.

6 - Porque não creio nas promessas mentirosas dos líderes comunistas, que prometem o que sabem não poder dar.

7 - Porque não confio em quem só sabe destruir e nunca mostrou que é capaz de construir.

8 - Porque o Brasil é dos Brasileiros e não dos russos ou de qualquer outro estrangeiro.

9 - Porque os comunistas dão vivas à Rússia e não ao Brasil.

10 - Porque os comunistas querem destruir a nossa família, a nossa religião, a nossa moral, os nossos costumes, e substituí-los pela depravação e pela escravidão russa.

11 - Porque creio mais nas autoridades brasileiras, do que na conhecida prepotência de aventureiros, nacionais ou estrangeiros.

12 - Porque sei cantar, com entusiasmo, o Hino Brasileiro, e não me interessam cânticos estrangeiros, inspirados e outros sentimentos que não são os meus.

13 – Porque só aceito como amigo o estrangeiro que comigo vier trabalhar, produzir e cooperar para o progresso do meu país, e nunca os que vivem sem trabalhar, aos quais nada falta, pois são pagos pelo comunismo, para agitar as massas e provocar desordens

14 – Porque, como Brasileiro, sou tão bravo e tão capaz como qualquer estrangeiro.

15 – Porque me orgulho dos meus irmãos que se cobriram de glórias nos campos de batalha da Itália.

16 – Porque, na defesa do que tenho de mais sagrado – minha fé, minha família, minha propriedade, minha ampla liberdade – não temo ameaças nem conheço obstáculos.

17 – Porque tenho o compromisso de defender o Brasil e suas instituições, contra quaisquer inimigos, nacionais ou estrangeiros.

18 – Porque não falto à palavra empenhada, não sou assassino, não sou pusilânime, não sou traidor.

19 – Porque quero que meus filhos amem a seus semelhantes e os considerem irmãos, mas que não se subordinem a indivíduos arvorados em chefes e líderes que já se apresentam escravizados a doutrinas e a autoridades estrangeiras.

20 – Porque quero, com o suor do meu rosto, com a força do meu braço, com as minhas economias honestas, adquirir o meu terreno, construir a minha casa e nela abrigar minha família, criar e educar os meus filhos.

21 – Porque nasci no Brasil, porque sou brasileiro (ou vim ganhar a vida no Brasil), porque saberei lutar e vencer pelo Brasil, grande, eterno, incomparável.

ANEXO N. 3

NOTAS SOBRE O CAPITÃO BENEDITO LOPES BRAGANÇA

"- Nasceu em Minas Gerais, a 21 de agosto de 1910.

Verificou praça a 28 de março de 1928; declarado Aspirante a Oficial em 25 de janeiro de 1932, foi nomeado 2º Tenente em 20 de agosto seguinte. Em 19 de outubro de 1933 foi promovido a 1º Tenente e em 27 de novembro de 1935 foi promovido a Capitão, pelos serviços relevantes prestados em defesa da Legalidade.

Era subalterno da Escola de Aviação Militar, onde também exercia o cargo de instrutor de Português.

Tomou parte nas operações contra os revoltosos de São Paulo, pertencendo ao 13º Regimento de Infantaria. Foi, então, louvado pela disciplina, dedicação, abnegação e eficaz auxílio que prestou ao seu comando, concorrendo para que o Regimento se desempenhasse com brilho das missões que lhe foram atribuídas.

Ao ser transferido do Batalhão-Escola para o 12º Regimento de Infantaria, o comandante o elogiou pela sua operosidade e gosto na instrução e por ter demonstrado grande dedicação durante o tempo em que esteve à testa de seu pelotão.

Faleceu a 27 de novembro de 1935, no seu posto, e seu corpo foi inhumado no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em sepultura n. 144, Quadra 9."

Carta da Progenitora do Capitão Bragança, aos Comunistas

"- Belo Horizonte, 4 de fevereiro de 1936.

Desgraçado:

Que fizeste do meu filho?

Que mal te fez ele?

Mataste-o impiedosamente pela tua ambição de mando e de riqueza. Ele era um servidor da Pátria que tu traístes, mas não tinha o poder que tu ambicionavas nas tuas mãos.

Assassino.

Mataste meu filho, que àquela hora no cumprimento do seu dever velava, enquanto tu, maldito, demente idealista sacrílego, feria tua – Grande Mãe – Malvado, se tanto podes juntas com tua Madrasta – Rússia – e devolva meu filho!

Matricida.

Rasgaste o peito da boa mãe que quatro anos embalou a tua mocidade, dando-te roupas, alimentação, ensinamentos, no meio de centenas de irmãos, ferindo-a no coração.

Covarde.

Nem a morte te quer; tu que venalmente quiseste enfrentar um Exército leal não tens coragem para te matares.

Mata-te, desgraçado, já que traíste mães que soubessem te guiar à senda do bem e que certamente não terá sentimento para chorar a tua perda.

Estas palavras escritas com lágrimas de saudade de meu filho, certamente, te causarão raiva.

O meu filho foi bom em toda a extensão da palavra – filho abençoado, irmão idolatrado.

Viveu feliz 25 anos porque teve educação a par dos seus bons sentidos; sempre trabalhador, estudioso e leal, – graças a Deus sempre cumpriu com o seu dever e cumprindo o dever morreu.

Eu, no meio da tristeza, da amargura e do sentimento que tenho de não ver mais meu idolatrado filho, sou mais feliz que tua mãe, essa infeliz, se ainda vive, se não a mataste ainda para ver de onde foste gerado!

O meu Benedito é mais feliz do que tu, morreu de consciência tranquila e justo se acha na paz de Deus, e o seu nome na terra é venerado como símbolo.

O Brasil inteiro, e muito especialmente Minas, demonstrou nas homenagens que lhe tributaram nos funerais.

E tu, qual será o teu fim?

Certamente na pupila do olho de Moscou.

Demente, olha para o céu, fita o sol se és capaz!

Matricida – pois esta hora tua mãe deve estar morta de dor, que tu lhe causaste.

Traidor.

Assassino.

Maldito, mil vezes maldito.

Ri, desgraçado, das minhas lágrimas, do meu desespero.

(Ass.) Balbina Lopes Bragança."

ANEXO N. 4

AS VÍTIMAS E SEUS HERDEIROS

Muito se tem falado nos que tombaram, em novembro de 1935, em defesa das instituições nacionais, vítimas do atentado comunista. O luto, a viuvez e a orfandade que eles deixaram não têm escapado às mais piedosas referências de escritores e oradores.

Entretanto, embora o triste acontecimento conte apenas dois anos, poucos, muitos poucos, conhecem os nomes dos que tombaram e incompletas são as informações dos que ficaram em pranto, relembrando, nos santuários domésticos, os que não mais voltarão.

Este livro seria incompleto se não registrasse, como justa homenagem aos que ficaram no campo da honra, nomes que deveriam ser recordados pelos pósteros e os de seus herdeiros, dignos de carinho e das atenções dos poderes públicos.

Completamos este trabalho com um capítulo a uns e a outros consagrados, certos de que a ele recorrerão os que, no cumprimento de sagrados deveres, tiveram missões que a gratidão nacional lhes confiará.

Tenente-Coronel Misael Mendonça

Nasceu em Sergipe, a 9 de março de 1887.

Assentou praça a 26 de maio de 1903. Nomeado 2º Tenente em 30 de dezembro de 1913, foi promovido a 1º Tenente em 5 de fevereiro de 1919, a Capitão em 23 de janeiro de 1924, a Major por merecimento, em 10 de fevereiro de 1933 e a Tenente-Coronel, na data de seu falecimento, pelos relevantes serviços prestados à ordem pública.

Sempre se distinguiu pelo acendrado amor à carreira das armas, tendo uma fê de ofício que constitui atestado eloquente de suas nobres qualidades de caráter e de virtudes cívicas.

De há muito servia no 3º Regimento de Infantaria, onde já se achava quando irrompeu o movimento revolucionário de 1930 e onde veio encontrá-lo o triste acontecimento de que resultou a sua morte.

A 27 de outubro daquele ano, o Comandante do Regimento, o então Coronel Manoel de Cerqueira Daltro Filho, ao deixar o comando, o elogiou e, referindo-se à sua atuação no cenário dos acontecimentos, assim se expressou: "Examinada à luz dos fatos a sua conduta, por ocasião dos movimentos revolucionários, verifica-se que esse oficial mostrou-se obediente no cumprimento das ordens que recebeu, e o fazia conscientemente, porque conhecia o móvel que as determinava. Sempre usou de iniciativas inteligentes para a consecução dos fins visados e todos os seus esforços despendidos, mesmo os mais isolados, foram concordantes e conduziram ao equilíbrio do qual resultou a vitória da causa que esposamos e evitaram que o Regimento perdesse, por mínimo que fosse, sua feição de unidade orgânica no seio do Exército Nacional.

Fez parte das forças que operaram contra os revoltosos de São Paulo, para lá seguindo com a sua unidade. No "Vale do Paraíba", desenvolveu o máximo de suas atividades pelo restabelecimento da ordem, sendo elogiado "pelo seu elevado estado moral, pela viva e inteligente manifestação de disciplina".

Faleceu no seu posto, a 27 de novembro de 1935, sendo o seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura n. 12.733, Quadra 9.

Deixou uma filha menor, Enid de Mendonça, sua única herdeira.

Major João Ribeiro Pinheiro

Nasceu no Distrito Federal, a 24 de junho de 1903.

Assentou praça a 11 de março de 1922 e galgou o posto de Major, a 27 de novembro de 1935, pelos relevantes serviços prestados em defesa da Legalidade.

Exerceu diversas comissões, tendo sua fé de ofício cheia de honrosas referências.

Perdeu a vida no ataque à fração rebelde do 3º Regimento de Infantaria.

O Exército muito podia esperar de sua vasta cultura e espírito dinâmico. Era um estudioso.

Servia, então, no Quartel-General da 1ª Região Militar, cujo comandante, ao participar seu falecimento, declarou que "o Major João Ribeiro Pinheiro era um oficial de esmerada educação, brilhante inteligência, cultura invulgar na sua idade, um devotado aos estudos militares; durante o curto período de sua vida de oficial muito fez pelo Exército, no qual deixa imperecíveis vestígios

de suas belíssimas qualidades. Não só no seio da classe, mas no meio intelectual e no círculo de suas relações, abriu uma grande lacuna, porque João Ribeiro Pinheiro, uma das esperanças de sua geração, fizera-se respeitado e querido pelos seus dotes intelectuais, que atestavam o alto grau de sua bem orientada cultura geral."

Dirigiu a "Biblioteca de Cultura Militar", editando, além de trabalhos seus, os de vários companheiros.

Fez parte das forças que operaram contra os revoltosos de São Paulo.

Faleceu a 27 de novembro de 1935, sendo o seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura número 12.731, Quadra 9.

Deixou viúva, D. Edith Ribeiro Pinheiro e sua progenitora, D. Adelina Ribeiro Pinheiro.

Major Armando de Souza e Mello

Nasceu em Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, a 2 de janeiro de 1902.

Fez brilhante carreira militar, sendo promovido a Major na data de seu falecimento, pelos relevantes serviços prestados em defesa da legalidade.

Apresentara-se às autoridades militares, por ter sido transferido para a Escola de Aviação, a 1º de novembro de 1935, ou seja, pouco dias antes de irromper o movimento sedicioso de que resultou a sua morte.

Quando deixou o 22º Batalhão de Caçadores, que operava contra os revoltosos de São Paulo, a fim de matricular-se na Escola Militar Provisória, seu comandante o elogiou, declarando: "o 1º Tenente Armando, jovem oficial de fino trato, educação esmerada, amigo de todos, deixa no seio do 22º Batalhão de Caçadores um vácuo enorme com a sua partida. De uma dedicação a toda prova, sempre solícito no cumprimento de seus deveres, de uma capacidade de trabalho invejável, foi incansável durante os dias tenebrosos das operações de guerra em que viveu o batalhão, tudo fazendo, a tudo atendendo, com invulgar tino e competência, facilitando com esse seu modo de agir a execução das ordens que este comando recebia dos comandantes de destacamentos, pelo que, pode-se dizer sem medo de errar, foi ele um fator decisivo para o êxito dos combates em que o nosso subdestacamento tomou parte."

Faleceu a 27 de novembro de 1935, sendo o seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal em sepultura número 12.734, Quadra 9.

Deixou suas irmãs solteiras, senhoritas Daura e Danauta de Souza e Mello.

Capitão Danilo Paladini

Nasceu em Petrópolis, a 25 de janeiro de 1903.

Assentou praça a 28 de julho de 1921; declarado Aspirante a Oficial em 25 de janeiro de 1932, foi nomeado 2º Tenente a 2 de agosto seguinte; em 19 de outubro de 1933 foi promovido a 1º Tenente e a Capitão, em 27 de novembro de 1935, pelos relevantes serviços prestados em defesa da Legalidade.

Era instrutor e professor da Escola de Aviação.

Quando pertencia ao Batalhão-Escola, o comandante o elogiou, declarando: "foi sempre leal, dedicado e não se poupou às fadigas no afanoso serviço de vigilância." Posteriormente, ao ser transferido para a Escola de Aviação, o Comandante do Pelotão Extra louvou-o "pelo acendrado amor à carreira, destacando-se pela sua dedicação e competência. Oficial disciplinado, de um caráter altamente reto e com verdadeiro entusiasmo pela sua arma, sentindo a insuficiência do Regulamento de Observação, livro esse que em opiniões autorizadas, vem preencher um claro na didática Militar."

Faleceu a 27 de novembro de 1935, sendo o seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura número 12.730, Quadra 9.

Deixou viúva, D. Zelina de Araújo Paladini, e uma filha de nome Ilma de Araújo Paladini.

Capitão Geraldo de Oliveira

Nasceu no Distrito Federal, a 24 de setembro de 1910.

Assentou praça em 1929, sendo declarado Aspirante a Oficial em 21 de março de 1932. Em 3 de outubro seguinte foi nomeado 2º Tenente, sendo promovido a 1º Tenente em 9 de novembro de 1933, e a Capitão, por decreto de 27 de dezembro de 1935, pelos relevantes serviços prestados em defesa da Legalidade.

Gozava de ótimo conceito entre os seus chefes e camaradas.

Pertencia ao 2º Batalhão de Caçadores e perdeu a vida quando combatia contra os rebeldes do 3º Regimento de Infantaria.

Fez parte das operações contra os revoltosos de São Paulo, com o 4º Batalhão de Engenharia, cujo comandante o elogiou pelo excepcional destaque, bravura, sangue frio e espírito de iniciativa de que deu provas, recomendando-se como oficial de grande envergadura para ação.

O Comandante do 2º Batalhão de Caçadores, ao comunicar sua morte, assim se expressou: "o 1º Tenente Geraldo de Oliveira, tão cedo roubado ao convívio de seus camaradas, onde, por suas excelentes virtudes de íntegro soldado tantas vezes demonstradas nos inúmeros combates em que tomou parte, com o 10º Regimento de Infantaria, na Serra da Mantiqueira, em 1932, sempre se destacou pela bravura e sangue frio."

Faleceu a 28 de novembro de 1935, sendo o seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura número 12.728, Quadra 9.

Deixou viúva, D. Genni Mello Mattos de Oliveira e uma filha de nome Gilda Mello Mattos de Oliveira.

Capitão Benedicto Lopes Bragança

Nasceu em Minas Gerais, a 21 de agosto de 1910.

Verificou praça a 28 de março de 1928; declarado Aspirante a Oficial em 25 de janeiro de 1932, foi nomeado 2º Tenente em 20 de agosto seguinte. Em 19 de outubro de 1933 foi promovido a 1º Tenente e em 27 de novembro de 1935 foi promovido a Capitão, pelos serviços relevantes prestados em defesa da Legalidade.

Era subalerno da Escola de Aviação Militar, onde também exercia o cargo de instrutor de Português.

Tomou parte nas operações contra os revoltosos de São Paulo, pertencendo ao 13º Regimento de Infantaria. Foi, então, louvado pela disciplina, dedicação, abnegação e eficaz auxílio que prestou ao seu comando, concorrendo para que o Regimento se desempenhasse com brilho das missões que lhe foram atribuídas.

Ao ser transferido do Batalhão-Escola para o 12º Regimento de Infantaria, o comandante o elogiou pela sua operosidade e gosto na instrução e por ter demonstrado grande dedicação durante o tempo em que esteve à testa de seu pelotão.

Faleceu a 27 de novembro de 1935, no seu posto, e seu corpo foi inhumado no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em sepultura n. 144, Quadra 9.

O Ministério da Guerra não dispõe de dados que assinalem a vida militar dos inferiores e praças, que, ainda no início da carreira, sucumbiram no campo da luta, dando igualmente aos seus camaradas o mais edificante exemplo de sacrifício pelo cumprimento do dever; mas, aponta, aqui, os seus nomes, envolvendo-os em uma só homenagem e recomendando-os à admiração de quantos compreendam que a grandeza do Brasil muito depende dos sentimentos de civismo e da abnegação de seus filhos:

2º Sargento José Bernardo Rosa

Falecido a 27 de novembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura n. 4.127, Quadra 5.

3º Sargento Abdiel Ribeiro dos Santos

Falecido a 27 de novembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura n. 4.122, Quadra 5.

3º Sargento Coriolano Ferreira Santiago

Falecido a 27 de novembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura n. 4.124, Quadra 5.

1º Cabo Luiz Augusto Pereira

Falecido a 27 de novembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São Francisco Xavier, na Capital Federal, em sepultura n. 58.104, Quadra 75.

2º Cabo José Harmito de Sá

Falecido a 27 de novembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura n. 4.126, Quadra 5.

2º Cabo Alberto Bernardino de Aragão

Falecido a 27 de novembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura n. 4.125, Quadra 5.

2º Cabo Clodoaldo Ursulano

Falecido a 27 de novembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São João Batista, na Capital Federal, em sepultura n. 4.123, Quadra 5.

2º Cabo Fidelis Baptista de Aguiar

Falecido a 6 de dezembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São Francisco Xavier, na Capital Federal, em sepultura n. 58.147, Quadra 75.

2º Cabo Manoel Biré de Agrella

Falecido 9 de dezembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São Francisco Xavier, na Capital Federal, em sepultura n. 58.207, Quadra 75.

Soldado Francisco Alves da Rocha

Falecido a 27 de novembro de 1935, foi seu corpo inhumado no Cemitério de São Francisco Xavier, na Capital Federal.

ANEXO N. 6

O COMUNISMO – ABSURDO EM TEORIA, NEFASTO NA PRÁTICA

(Conferências realizadas na Escola Técnica dos operários de Arsenais de Marinha)

I

O comunismo como "primitivo" sistema de vida. Ideologia inaceitável, suas falsas bases. A "desigualdade" como lei geral do universo.

Transportemo-nos por alguns momentos, em imaginação, a uma época anterior ao ano de 1500 da era Cristã e suponhamo-nos no Brasil de então, ainda não descoberto por Cabral, mas cujas imensas terras, montanhas, caudalosos rios e numerosas tribos selvagens já de há muito existiam. Escolhamos uma dessas tribos, qualquer delas, a dos Tapuias, por exemplo, e indaguemos de como viviam os seus componentes no planalto de Goiás.

Aglomeravam-se às margens dos rios, aí tinham as suas tabas. Caçavam, de arco e flecha, pescavam; e de caça, de peixes e de frutos se alimentavam.

Viviam, nas suas tabas, em completa promiscuidade, quais animais; não tinham pouso certo, não tinham mulher certa, levavam existência ao léu da sorte, ao sabor dos acontecimentos imprevistos.

Estavam mais ou menos nivelados, reduzidos à mesma baixa cota de bugres quase irracionais.

Pois bem, aí está um agrupamento "comunista"!

Essa tribo Tapuia, por nós evocada, por nós revista em imaginação, levava existência *comunista*; os índios que a compunham eram *comunistas*...

Eram todos miseráveis, andavam todos ou nus ou adornados de penas e plumas, eram todos relativamente livres. Todavia, posto que *comunistas*, não eram *igualmente* miseráveis; pois alguns, mais diligentes, tinham arcos, flechas e choupanas, melhores do que outros, menos ativos e esforçados.

Não andavam, tão pouco, *igualmente* ornados de penas e plumas, apesar de serem *comunistas*; pois, alguns, mais caprichosos, tinham penas e plumas mais raras e mais vistosas do que outros que eram indolentes ou pouco hábeis na caça.

Não eram, também, *igualmente* livres; pois aqueles mais fracos fisicamente, ou menos valentes e agressivos, não tinham liberdade na escolha das suas mulheres, das suas companheiras ocasionais...

Assim, mesmo nessa vida *comunista* de selvagens, vida extremamente primitiva, a *igualdade era inexistente!*

No entanto, mau grado o caráter rudimentar dessa vida de aborígenes, o que registraram os anais do Planeta cerca de 350 anos mais tarde (não esquecer que a nossa aldeia Tapuia foi imaginada no planalto de Goiás, em época pouco anterior à do descobrimento do Brasil)?

– O seguinte: em plena civilização Européia do século XIX, o aparecimento de um chamado *Manifesto Comunista*, assinado por dois indivíduos de cérebros candentes, de idéias extravagantes, *Manifesto* que concitava as massas obreiras a um retrocesso à vida primitiva dos selvagens!...

Esses dois indivíduos, bem nocivos à humanidade, foram os alemães Karl Marx e Frederick Engels; e o *Manifesto Comunista* foi por eles lançado em 1847, há cerca de 100 anos, portanto.

Nesse *Manifesto* vinha preconizada uma absurda ideologia baseada na *igualdade* dos homens para as lides da vida; *igualdade* que permitiria, dizia o *Manifesto*, um tratamento *comum*, um gênero de existência *comum*, a todos os indivíduos.

Percebemos desde já que uma tal ideologia, baseada na igualdade dos homens, não pode deixar de ser absurda, devido a ter base inteiramente falsa, inconsistente; devido a ser calcada numa premissa inaceitável.

Não há *igualdade* nos homens, tão pouco em coisa alguma do Universo!

A lei da desigualdade é a mais geral das leis naturais.

Tudo no mundo é *desigual*. Isso se dá tanto no reino orgânico quanto no inorgânico.

A desigualdade prevalece nos homens, nos animais, nas coisas.

Até mesmo na mansão de Deus as moradas são diferentes...

O nosso planeta tem população avaliada em cerca de dois bilhões de pessoas. Pois bem, nessa formidável massa humana *não se encontram duas pessoas iguais*, nem física, nem moral, nem mentalmente!

Há pessoas parecidas, física e moralmente, umas com as outras; há gêmeos que são mesmo muito parecidos fisicamente. Contudo, não são inteiramente iguais.

É ou não é convincente essa constatação?

Nessa multidão de mais de dois bilhões de pessoas, cada uma constitui um tipo especial, com seus característicos próprios, com o seu físico particular, com o seu intelecto, as suas tendências e inclinações, as suas qualidades e defeitos, a sua hereditariedade, o seu feitio moral, a sua capacidade de trabalhar, de apreender, a sua têmpera, etc., etc.

Cada pessoa constitui um caso à parte, "sui-generis", na massa da população da Terra.

Cada pessoa tem a sua individualidade, as suas modalidades específicas, os seus complexos, os seus traços marcantes.

Cada habitante do Planeta possui a sua *personalidade*.

É claro, portanto, que as pessoas não podem ser tratadas como *iguais*, no mesmo pé de *igualdade*, pois não é lógico nem racional dar *tratamento igual* a tipos humanos *diferentes*.

Antes de prosseguirmos, diremos que a grande *lei da desigualdade* encontra a cada passo exemplos frisantes, cabais, conclusivos.

A Natureza, dizem os físicos: - "tem horror ao vácuo." Poderíamos também asseverar, com toda a justiça, que: - "a Natureza tem horror à igualdade."

As impressões digitais disso constituem outra prova convincente; com efeito, nos dedos das mãos dos dois bilhões de habitantes da Terra não são encontrados dois dedos com impressões idênticas!

E, no entanto, dez dedos para cada um fazem vinte bilhões de dedos; - de dedos todos diferentes...

Mas isso ainda não é nada. Consideremos uma enorme floresta virgem, dessas que temos em grande número em nosso País, formada de milhares e milhares de árvores.

Pois bem, será de molde a causar pasmo o constatar que nesta floresta virgem não podem ser encontradas duas folhas iguais, perfeitamente iguais, que resistam a um exame meticoloso!

Se tomarmos de uma pequena gota de sangue humano, do volume de um milímetro cúbico, e ao examinarmos ao microscópio, descobriremos a existência de mais de cinco milhões de glóbulos vermelhos e brancos, *todos diferentes entre si!*...

Sempre a *desigualdade* imperando, nas grandes e nas pequenas coisas.

Mesmo no domínio dos infinitamente pequenos há variações, embora infinitesimais, diferenciando micróbios, bacilos e bactérias.

Parece verdadeiro, portanto, que: - "a Natureza repele a igualdade".

A *igualdade não é coisa natural*. Ora, só as coisas naturais são estáveis, são normais, tem caráter definitivo e permanente.

Há um duto provérbio que diz: - "quando se expulsa o *natural*, ele volta a galope". Pois bem, a extravagante teoria Marxista, consubstanciada não só no já mencionado *Manifesto Comunista*, como num livro pernicioso impresso anteriormente, em 1867, 1885 e 1889, sob o título - *O Capital* -, teve a louca pretensão de "expulsar o natural" da face da Terra, de introduzir a *igualdade* onde tudo, pela própria essência dos homens e das coisas, é *desigual* e diferente...

Com efeito, as chamadas ideologias marxista, comunista ou socialista avançada, que representam todas uma e a mesma coisa, pretendem, estultamente aplicar aos homens idênticas formas-padrão de vida social, para o que esses homens teriam de ser nivelados, igualados, reduzidos a uma medíocre cota comum, cota que seria aquela dos menos capazes, dos desvalorizados, dos inferiores da espécie.

Essa ideologia marxista ou comunista, totalmente viciada e inexequível, é de cerne profundamente amoral. É profundamente amoral, em verdade, querer misturar em degradante comunhão de vida, hábitos, costumes, trabalhos e crenças, indivíduos e tipos pertencentes às mais variadas condições, como sejam: - de um lado, pessoas de mente esclarecida, eruditas, inteligentes, e, de outro, indivíduos embrutecidos e ignorantes; de um lado, gente educada, dotada de espírito e de sentimento, e, de outro, gente de escassa cultura, de reduzidos dotes espirituais, de sentimentalismo embrionário...

Poder-se-ia supor, à primeira vista, que se todos recebessem a mesma educação, na infância e adolescência, ficariam depois em condições de serem igualados, nivelados, comunizados. Mas essa suposição se desvaneceria à menor análise, ao mais ligeiro raciocínio.

Com efeito, os indivíduos não recebem, não absorvem, do mesmo modo, em doses iguais, a educação que lhes é ministrada; isso pelo simples fato desses indivíduos serem diferentes no que se refere a intelecto, inteligência, aptidão, interesse, vontade, faculdade de apreensão e de assimilação, condições físicas, hereditariedade e influências atávicas, etc., etc.

É exatamente na *diversidade* dos homens que reside a harmonia desse conjunto de homens que se chama - "sociedade".

II

A "harmonia" de coisas diferentes. "Seleção e hierarquia."

Fundamento amoral do Marxismo.

A palavra *harmonia* significa coordenação, ajustamento, combinação, - *de coisas diferentes*.

Um conjunto qualquer é dito "harmonioso" quando as coisas *diferentes* que o compõem se entrelaçam bem, sem choques ou atritos, quando se combinam fácil e jeitosamente, sem reações perturbadoras, sem forçamentos indevidos, sem deformações.

Coisas *iguais* não se harmonizam, na verdadeira acepção da palavra: - juntam-se, reúnem-se, justapõem-se às vezes, mas não se harmonizam.

A Natureza oferece, a cada momento, exemplos flagrantes da harmonia de coisas diferentes.

Os galhos de uma árvore, todos desiguais, harmonizam-se numa frondosa copa.

Gramíneas, pequenos arbustos, árvores médias, grandes cedros e carvalhos seculares, diferentes no porte, na forma e na substância, harmonizam-se numa floresta espessa, onde as árvores maiores protegem com a sua sombra as menores e arbustos, onde os fortes lenhos cedem seiva generosa às parasitas e orquídeas, onde as gramíneas consolidam o terreno em que se firmam os carvalhos e os cedros!

As sete cores do espectro solar, todas diferentes umas das outras, harmonizam-se perfeitamente e formam, quando reunidas, a cor branca.

Olhos, orelhas, nariz e boca, coisas assas diversas umas das outras, harmonizam-se admiravelmente num encantador rosto feminino.

Finalmente, para terminar uma série que poderia ser infundável, lembraremos que a "harmonia musical" representa a combinação de notas sonoras diferentes, umas mais agudas, outras mais graves, umas curtas outras longas, umas fracas outras fortes; e todos nós conhecemos os surpreendentes efeitos dessa "harmonia", que tanto fala à nossa alma, que tanto nos enleva, que tanto nos fascina...

Pois a sociedade humana não escapa às leis da *harmonia*.

Essa sociedade é composta de classes, de classes *diversas* que cumpre "harmonizar"; pois que essas classes, na feliz expressão do sábio Pontífice Leão XIII, são *diversas* mas não *adversas*.

Para ser estável urge que a sociedade seja "harmoniosa", isto é, que os elementos *diferentes* de que ela se compõe "se harmonizem", se adaptem bem, se combinem; – isso sem atritos, naturalmente, e com *justiça*.

Dizemos: – *com justiça*. Haverá justiça nessa *harmonia* entre homens *diferentes, desiguais, harmonia* que afirmamos ser condição precípua para a existência da sociedade?

– Certamente que sim!

Se os homens são diferentes em tudo, os seus méritos respectivos também são diferentes, são relativos; isto é, guardam entre si uma certa relatividade.

O mérito é individual, e não coletivo; – varia de um para outro homem.

O homem deve então ocupar na sociedade o lugar condizente com o seu mérito próprio, mérito esse avaliado relativamente, e por comparação, ao mérito dos demais homens que com ele concorrem.

Daí a importância primacial do "individualismo" na sociedade. A sociedade precisa ser "individualista" para atender às características humanas.

Os que tiverem maior mérito deverão ocupar lugar de maior destaque, os que tiverem reduzido valor deverão ficar em posições mais modestas.

Há justiça nessa distribuição!

Haveria flagrante injustiça, isso sim, se não se verificasse essa distribuição harmoniosa. Os bons ficariam nivelados aos maus, os competentes aos mediocres, os sábios aos ignorantes, os eficientes aos incapazes.

* * *

Ficou dito que a mais geral das leis naturais é a da *desigualdade*; – mas, logo a seguir, em grau de universalidade, temos a lei da *seleção*.

No mundo há sempre *seleção*, quando concorrem elementos *diferentes*.

Tanto no reino animal, quanto no vegetal, vencem e prosperam os mais fortes e os mais capazes, por um natural processo de *seleção*.

Na sociedade a *seleção*, operada por qualquer que seja a forma, classifica os indivíduos, dá-lhes uma ordem de precedência na esfera que desenvolvem suas atividades; ou, o que é o mesmo, impõe-lhes uma *hierarquia*.

Concatenando então os trâmites do nosso raciocínio: – "como os homens são todos *desiguais*, em virtude de lei universal, há necessidade de *seleccioná-los*, para assim lhes impor uma *hierarquia* e, como consequência, *harmonizá-los* devidamente e com justiça na vida social".

Desigualdade, seleção, hierarquia – tais são as três condições básicas de uma sociedade racional e inteligentemente bem constituída, quando a elas preside a indispensável *justiça*.

A primeira representa o fator *causa*; as outras duas são *efeitos* indeclináveis dessa causa. Mais adiante voltaremos a precisar melhor esse assunto.

* * *

Outra falsa base, outro fundamento errôneo, da teoria marxista, é aquilo que os comunistas chamam de *concepção materialista da História*.

Marx, que foi um estudioso, embora possuidor de diabólica mentalidade, inspirou-se nos filósofos e pensadores da sua época e anteriores, que erradamente propagaram e defenderam nos seus livros a chamada Escola Filosófica *Sensorial*, também denominada *Concreta* ou *Experimental* – precisamente aquela Escola de transição entre a Escola *Tradicional* e a atual Escola *Nova* ou *Ativa*, à qual nos referimos quando tratamos das técnicas educacionais antigas e modernas.

A Escola *Sensorial* supunha o espírito humano como se formando de "fora para dentro", isto é, admitia que a experiência das coisas e as sensações provocadas pelo mundo exterior fornecessem ao homem toda

a sorte de conhecimentos. Julgava que as concepções, as idéias e os pensamentos do homem, fossem um mero reflexo do mundo material, derivassem diretamente das sensações, das coisas, dos objetos...

Era a aplicação do grosseiro *materialismo* à humanidade.

A crença de que os objetos exteriores faziam brotar idéias no cérebro, de que o espírito *precedia* portanto à matéria, fez crer na desoladora teoria de que o pensamento humano dependia exclusivamente da História material do Planeta.

Tal era a *concepção materialista da História*, que afirmamos ser outra das falsas bases do marxismo.

Marx não viveu o bastante para assistir à derrocada da Escola *Sensorial*; morreu antes de ter ficado provado o erro crasso em que laborava essa Escola.

Ele desapareceu do cenário terrestre sem saber: – 1º) que o espírito humano *cria e adquire* conhecimentos; que não tem apenas faculdades de "aquisição" e sim também faculdades "criadoras"; 2º) que o espírito humano se forma de "dentro para fora", e não de "fora para dentro"...

Assim, à luz de uma melhor compreensão do mundo, do homem e das coisas, verifica-se que não só o espírito humano deixa de ser modelado exclusivamente pela História material do Planeta, como também encontra a sua formação de "dentro para fora", isto é, se origina no íntimo, do âmago do indivíduo.

Mas isso Marx desconhecia. Eis porque, mergulhado no mais brutal materialismo, lançou a monstruosa sentença: – "não é a consciência do homem que o dirige na vida, é a vida que dirige a consciência"!...

E fez acompanhar tal obra prima de ceticismo, de descrença, de amoralidade, de outra solene declaração, igualmente repulsiva: – "a consciência do indivíduo é uma ilusão, o que vale é a consciência da sociedade"...

Isso implica, como é patente, na anulação da *personalidade*, na abdicação das mais nobres e alevantadas faculdades do homem, no repúdio do foro íntimo.

Isso implica em relegar o homem ao grosseiro papel de autômato, sem discernimento próprio, cuja consciência é a consciência do grupo ou sociedade em que ele arrasta a sua mesquinha e inexpressiva existência.

Isso implica na mais completa *animalização* da espécie humana!

A teoria comunista brutaliza a humanidade ao ponto de considerá-la como sendo composta de criaturas quase-irracionais; de criaturas semi-irracionais comparáveis a um rebanho de carneiros, rebanho guiado pela consciência coletiva, – que é a do pastor –, materializada no cajado que ora aponta o aprisco, ora o pasto, ora o redil da tosquia.

Veremos, adiante, como opera na prática essa vergonhosa teoria da *consciência coletiva*. A absurda teoria marxista nos levaria ao espetáculo desolador das massas humanas dirigidas à imagem da grande turba dos *mediócrs*, pois que esses mediócrs constituem sempre a esmagadora maioria.

A consciência desses mediócrs seria a consciência da sociedade, e, "*ipso-facto*", orientaria a sociedade. Tal coisa constituiria a negação completa do comesinho bom-senso; seria a negação do que tem sido até hoje a evolução histórica da Civilização.

As *minorias pensantes*, selecionadas, sempre dirigiram e sempre dirigirão as massas humanas.

Mas, frisemos bem, *minorias* compostas de indivíduos de consciência própria, de amor-próprio, de personalidade, de livre-arbítrio, de nobre e esclarecido espírito não tolhido pelas peias do sórdido materialismo.

É bem claro que não está nestes casos a *minoría* bolchevista que ora infelicita as terras moscovitas; e é por isso que ela, como veremos dentro em pouco, só graças ao mais requintado regime de terror consegue prolongar, há vinte e oito anos, desde 1917, o seu despótico domínio sobre cerca de 180 milhões de vítimas.

III

A pregação Cristã e o comunismo. Espiritualismo versus materialismo. A teoria econômica de Marx. Um regime que atenta contra a natureza humana.

Da ideologia comunista foi banida, como consequência do materialismo inerente às teorias marxistas, as noções de Deus e de Religião.

A respeito de crenças religiosas o comunismo relega o homem a um plano que é certamente inferior ao dos selvagens, que foram os comunistas de ontem; pois tais selvagens possuíam a noção de um Deus, de um Criador do mundo.

Os nossos Tapuias, cuja recordação evocamos no início desta Conferência, reverenciavam em Tupã o seu Deus; e foram, portanto, comunistas menos empedernidos, menos hereges, menos materiais, do que um bolchevista do século XX !

Às vezes, no decurso da capciosa propaganda das suas idéias malsãs, os comunistas tentam conspurcar a religião Cristã, comparando-a com o credo marxista.

– Como? – Dizendo que a união dos homens, a igualdade, o auxílio mútuo, a *fraternidade*, fizeram parte da pregação de *Cristo*; e que *Jesus Cristo* foi, portanto, também um comunista...

É de ver que a comparação, sobre ser absurda, é de tal modo irreverente ao ponto de causar indignação.

Cristianismo e marxismo são duas doutrinas opostas, como o são as respectivas filosofias. *Cristo* pregou sem dúvida o amor ao próximo e encareceu essa virtude, tão lididamente *Cristã*, que é a caridade. Mas toda a sua pregação foi baseada no *espiritualismo*, no devotamento ao bem, no mais puro idealismo; no perdão aos inimigos, na vida eterna da alma, na humildade, na renúncia aos prazeres materiais, na aceitação do sofrimento, no aperfeiçoamento da pessoa com vistas à sua preparação para uma vida superior extraterrena.

O comunismo, não! É baseado no *materialismo*, no mais radical ateísmo. O comunismo nega Deus, nega a alma e a sua imortalidade; prega o prazer material, não impõe freios à dissolução de costumes e à licenciosidade.

A religião *Cristã* instituiu a Família, o afeto filial, a solicitude dos Pais; o comunismo destrói a Família, que reputa nociva aos seus ideais, e considera a amizade entre Pais e filhos uma inútil extravagância, um piegas sentimentalismo burguês...

O Cristianismo pregou a sã moral, o temor a Deus, a prática do bem, a obediência aos ditames da consciência (da consciência do indivíduo); a mística comunista advoga a abolição da moral, tal como os *Cristãos* a compreendem, e suprime a consciência individual em troca da chamada consciência coletiva, isto é, consciência do Partido, da comunidade.

O Cristianismo exige o respeito à mulher, cultua a honra e a dignidade humana; o comunismo faz tábula rasa do recato feminino, expressão que para ela não tem qualquer sentido, e muitas vezes degradam a mulher ao papel de coisa nacionalizável.

A vergonhosa teoria bolchevista denominada do "copo d'água" fornece bem a medida desse descaso pelo que os *Cristãos* chamam de moralidade. Tal é a teoria de que o ato sexual tem a mesma importância, nem maior nem menor, que - "beber um copo d'água".

O Cristianismo, finalmente, procura dar à humanidade paz de espírito, tolerância, cordura, resignação; o comunismo compele a humanidade às guerras de classes, aos ódios, e ensina aos pobres, aos infelizes, aos menos analfabetos, não só o rancor como a inveja aos ricos, aos felizes e aos mais afortunados.

O comunismo emprega o terror como elemento de convicção e como argumento subjugante; adota, em nome dos ideais do Partido, práticas cruéis, priva os homens dos ornamentos espirituais, transforma-os em peças de máquinas, e os rebaixa quase ao plano dos irracionais.

O Cristianismo constrói igrejas, mandar erguer os olhos para o Céu, para o alto, procura aprimorar os espíritos e suavizar os corações; o comunismo derruba igrejas, profana altares, ordena que se olhe para baixo, - na direção da vida material, da vida das sensações -, condena a espiritualidade, endurece os corações.

Cristo pregou a bondade; o anti-Cristo, sob as vestes marxistas, faz a apologia da violência, do terror, do ódio.

E, não obstante, um chefe comunista francês teve o incrível cinismo de dirigir-se há tempos aos Católicos, para fins ludibriadores, – já se vê – nos seguintes termos: "Católicos, nós vos estendemos as mãos!"

Como se os católicos dignos do nome consentissem em apertar mãos que tem espalhado morte e desolação...

* * *

Outra falsa base da ideologia comunista é a chamada "teoria econômica de Marx", exposta no tal livro intitulado "O Capital", ao qual já nos referimos. Nesse livro são estudados, arbitrariamente e fantasistamente, dois tipos principais de intercâmbio de valores; *um* a que Marx denomina "normal", representado pela fórmula MDM (mercadoria, dinheiro, mercadoria), e *outro* a que chama de "lei do regime capitalista", indicado pela fórmula DMD (dinheiro, mercadoria, dinheiro).

No primeiro caso, o indivíduo possui ou produz certa *mercadoria* (M), que em seguida troca ou vende por *dinheiro* (D), para depois, com esse *dinheiro*, comprar outras *mercadorias* (M) de que necessita.

No segundo caso, o indivíduo, possuidor do *dinheiro* (D), compra ferramentas, aparelhos, máquinas, monta oficinas ou fábricas, para o operariado, etc., e produz em larga escala certa ordem de *mercadorias* (M), que depois vende, apurando o *dinheiro* (D), sendo $D > D$, isto é, $D' = D + D$ "; representando D" o lucro auferido.

O movimento operado, nesse segundo caso, transforma o *dinheiro* em *capital*; daí a denominação de "lei do regime capitalista."

Não cabe expor aqui a teoria econômica marxista, que é matemática de um lado, e, de outro, metafísica, calcada em meras suposições e hipóteses; teoria da qual o seu autor deduz conclusões inaceitáveis e, no mais das vezes, "incompreensíveis"...

Mesmo os marxistas mais esclarecidos confessam que nem sempre compreendem as conclusões das teorias "dos valores", "dos salários", "da miséria progressiva", "da mais valia", "dos excedentes" e "das concentrações ilimitadas"...

E se não compreendem e mau grado adotam tais teorias, o que deles devemos pensar?

Poderíamos supor, na melhor hipótese, que fazem o triste papel dos tipos causticados pela verve do fino psicólogo que foi Voltaire, isto é, dos tipos que: – "ouvem sobre qualquer assunto a explicação dada por alguém que não compreende o que está explicando e declaram, em seguida, que compreenderam o que lhes foi explicado..."

Muitos comunistas escapam, no entanto, a essa classe de tipos caricatos, pois pertencem à outra categoria, a saber: - à dos que tem alma revolucionária, à dos que agem de má fé; à dos que, embora não compreendendo as teorias do tresloucado Marx, anseiam, não obstante, pela sua aplicação, pelo seu transporte ao terreno prático.

Veremos, dentro em breve, quais foram os desastrosos frutos dessa aplicação experimental das teorias Marxistas.

* * *

A ideologia comunista não sendo "natural", pois que, como provamos, as suas bases são contrárias à Natureza e aberram das leis do Universo, só pode evidentemente ser *praticada com violência e mantida por violência*.

Do contrário, recordando outra vez o provérbio que já citamos - o *natural*, uma vez expulso, *voltaria a galope*.

O *terror* é o recurso único de que os bolchevistas dispõem, nas regiões onde dominam, para impedir que - "o natural volte a galope".

Para reduzir a um mesmo padrão de vida (padrão necessariamente baixo, compatível com a grande massa de mediócrs), indivíduos *desiguais*, fundamentalmente *desiguais*, *diferentes* em tudo: - índole, aptidões, robustez física, inteligência, capacidade para o trabalho, energia, tendências, mentalidade, gostos, crenças, etc. - fazem-se mister *quatro* operações principais, de *ordem técnica*, e *uma de ordem prática* ou *executiva*. As quatro de ordem técnica são: - "abolir a propriedade privada", destruir a Família", "suprimir a personalidade" e "transmutar o padrão clássico de honra individual".

A operação de ordem executiva é: - "manter a ferro e fogo esse estado de coisas, intrinsecamente artificial".

Àquelas quatro operações técnicas seguem, como inevitável corolário, um sem número de consequências, tais como: - ateísmo, lassidão de costumes, escravização em massa, desinteresse na vida, materialismo, promiscuidade, desconforto físico e moral, miséria orgânica.

Só se pode *comunizar* um povo e mantê-lo *comunizado*, com o emprego irrestrito da violência.

A "abolição da propriedade" vem em primeiro lugar.

Para fazer baixar os indivíduos capazes ao nível de mediócrs, dos incapazes, dos que não souberam vencer na vida e conseguir qualquer patrimônio, é preciso, evidentemente, reduzir a zero o patrimônio de todos. Ficam assim todos *iguais* "por um momento", isto é, reduzidos a zero no que respeita a propriedade privada.

Isso se consegue pela extrema violência, visto como o direito de propriedade é das mais antigas, radicadas e naturais intuições do homem livre.

Mas ainda mais difícil, no entanto, é manter essa igualdade, depois de operada...

Com efeito, de dois homens quaisquer reduzidos a zero, de propriedade, *um* deles (o que for mais capaz) terá algo de seu no fim de um pouco tempo; e o *outro* (o que for incapaz) continuará na cota zero.

É preciso então *escravizar*, – o que se consegue, nos moldes comunistas, *nacionalizando* homens e mulheres, tornando-os propriedade do Estado, transformando-os em verdadeiras máquinas de trabalhar.

Em troca pelo trabalho "escravizado" o Estado lhes dá alimento, roupa e morada; – alimento bastante para os escravos não morrerem de fome, macacões de zuarte e habitações coletivas com o máximo de promiscuidade.

Homens e mulheres que trabalham como escravos não têm tempo de cuidar dos filhos. Essa é uma questão que fica resolvida pelos comunistas com a supressão da família. A família labora contra o espírito de massa, de coletividade, pois tende a desenvolver espírito exclusivista de núcleo; labora contra o materialismo, pois tende a fazer nascer amizades e sentimentos nobres e espirituais entre pais, filhos, irmãos e parentes. Daí a necessidade comunista de destruir a Família.

A Família deve ser substituída pelo "partido comunista".

O amor paterno é considerado prejudicial aos filhos. Os filhos, fruto de uniões livres, são entregues ao Estado. Faz-se com eles coisa mui parecida com o que se faz com uma ninhada de gatos. Os gatos são distribuídos aos amigos da vizinhança, sem prévia consulta à pobre gata que a gerou; os pimpolhos comunistas são consignados ao Estado para que este os transforme em autômatos, em tipos-padrão que futuramente vistam macacões de zuarte, comam mal das cozinhas coletivas, habitem de mistura com outros e trabalhem muito ao látego dos feitores...

O comunismo criou o tipo infeliz do "filho coletivo", isto é, do filho havido por mulher que durante o período da concepção manteve relações sexuais com vários homens! É tudo quanto há de mais revoltante!

A supressão da personalidade decorre do gênero de vida comunista. O regime é de servidão e servos não tem personalidade.

A noção de honra *individual*, em indivíduos criados *coletivamente*, é também muito tênue. Homens atritados pela engrenagem materialista do Estado; homens sem estímulo a não ser aqueles grosseiramente inspirados pelos sentidos; homens sem família e sem o consolo de qualquer crença religiosa; homens que comem, dorme e se vestem mal, e que trabalham muito, como máquinas, – tais são os frutos do regime comunista. Que espécie de *consciência* poderá ser essa chamada *consciência coletiva*, ou a *consciência do partido*?

"É moral tudo aquilo que aproveita ao partido comunista" – disse Lenine!

Que estranho padrão moral vem retratado nessa sentença...

No entanto, há quem se refira à ideologia comunista classificando-a de: – *idéias avançadas*. Que ironia. São inegavelmente idéias destruidoras, atroz, cruéis; mas *atrasadas*, positivamente *atrasadas*...

São idéias que visam solapar a civilização e fazer o mundo retrogradar às épocas primitivas; às épocas em que viviam os nossos Tapuias nas suas tabas, lançando mão ainda uma vez de um exemplo que vimos empregando desde o início destas Conferências, à guisa de argumento.

São idéias que pretendem anular todo o acervo moral, intelectual e mental, paciente e gradativamente acumulados pelas gerações através de uma evolução lenta, mas sempre progressista.

São idéias negrejantes, que procuram apagar a luz espiritual das conquistas humanas; que procuram mergulhar o Planeta nas trevas do materialismo,

Idéias avançadas? – Não! *Idéias atrasadas*, sobre serem desumanas.

Tudo quanto ficou dito referiu-se à ideologia comunista. Passemos ao campo experimental. Vejamos que resultados deu a *prática* dessas bizarras elucubrações.

IV

Resultados do comunismo no campo prático-experimental.

Como o comunismo assaltou o poder na Rússia. A odisséia do povo moscovita. As cinco diferentes fases do comunismo Russo.

Os resultados foram o que seria muito fácil de prever com segurança: – *completamente desastroso!* E isso a tal ponto que o regime Russo de hoje não é mais *comunista*, e sim *socialista*, embora ainda de má qualidade: totalitário e escravizador. Mas examinemos detidamente o assunto.

Onde foram feitas as experiências, as provas práticas?

Primeiramente *nas infelizes terras moscovitas*, depois na inculta Mongólia, no semi-selvagem Afeganistan, na Hungria, na China e na Espanha.

Na Hungria, após dois meses do infernal domínio de Bela-Khun, um criminoso, o comunismo pôde ser radicado; na Espanha, o mesmo aconteceu depois de mais de ano e meio de horrorosa guerra civil. Na China, tem devastado algumas das Províncias mais atrasadas, habitadas por gente inculta e primitiva.

Na França, apesar do comunismo não se haver instalado, fez, contudo tais infiltrações, de 1928 a 1938, que trouxeram como resultado o desfibramento do povo e das forças armadas, cujas energias e civismo solapou. Mais do que qualquer outro fator, o comunismo foi responsável pela vergonhosa "*débacle*" francesa de 1940.

Vejamos na Rússia.

– Como foi iniciada e como se vem processando, neste país, a prática da ideologia marxista ou comunista, lá intitulada *bolchevismo*, palavra que significa "maioria"?

Para encaminhar as respostas a esta pergunta lembraremos aquilo que dissemos quando tratamos, em Conferências anteriores, do Destino dos indivíduos e das Nações.

Enunciamos, então, as conhecidas sentenças: – "o homem é o obreiro do seu destino", e "as Nações tem os governos que merecem".

A Rússia, por ocasião da primeira conflagração mundial, em 1914, sobressaía principalmente por duas coisas: – 1ª) vastidão territorial e 2ª) atraso e ignorância do povo, submetido de longa data a governos ineptos e despóticos.

Esse infeliz País oferecia então terreno favorável à prática de qualquer mística por absurda que fosse. Como tal, constituiu cultura propícia à ação deletéria do vírus marxista; tornou possível o aparecimento, em desespero de causa, do comunismo, transmutado em *bolchevismo*...

Derrotas tremendas, sofridas durante o decurso da primeira guerra mundial, finalmente levaram ao desespero os pobres "mujiks" e abateram o moral dos dirigentes do Império.

Em 1917, quando irrompeu a revolução bolchevista e a Rússia, traíndo os seus Aliados, cessou a campanha contra os Impérios Centrais, – Alemanha e Áustria – havia menos de 80 anos decorridos desde a época da escravatura.

Mas nesse ano fatídico começou outra escravatura, muito pior do que a antiga, pois essa escravatura antiga permitia ao menos aos infelizes "mujiks" o consolo de uma religião, o lenitivo das crenças, o bálsamo da fé.

Um revolucionário chamado Lenine, até então exilado, regressou à Rússia em março de 1917, viajando através da Suécia e de uma parte da Alemanha, com o consentimento desta última Nação, que assim agiu para aumentar em seu proveito o caos moscovita.

Recebido hostilmente, devido às suas idéias anarquistas, combatido e até mesmo perseguido, tomou finalmente conta do poder em 7 de novembro (ou 25 de outubro, no calendário Russo); – para o que habilmente se aproveitou da enorme confusão reinante no País, a braços com uma terrível luta interna e ainda virtualmente em guerra externa, em desastrosa guerra externa.

O assalto ao poder revestiu-se das piores formas de traição.

Lenine ludibriou um próprio comparsa, um próprio companheiro de credo, Kerensky, que era então o Chefe de um chamado Governo Provisório.

O povo da capital Russa, estupefacto, esfregava os olhos e parecia não acreditar no que via...

Mas para estender o seu domínio além de Petrograd (antiga São Petersburg e hoje Leningrad) os comunistas tiveram de sustentar durante três anos as lutas mais sangrentas, mais odiosas, mais cruéis da História!

Entraram em cena os "soviets" (palavra que significa – "conselho"), bem assim as terríveis Tche-Kas, e incríveis violências foram perpetradas.

Essas violências não cessaram após os três anos de guerra civil propriamente dita; continuaram e continuam até hoje, pois os pelotões de fuzilamento com frequência entram em ação, as prisões transbordam e a Sibéria continua a receber desterrados.

Mas, examinemos a situação por partes, metodicamente.

A primeira fase do pandemônio Russo foi – *Comunismo Anarquista*, que se seguiu ao vergonhoso Tratado de Paz, assinado "em separado" com a Alemanha em 16 de março de 1918, conhecido como Tratado de Brest-Litovsk.

O *Decreto de Paz* e o *Decreto Agrário*, aquele consumando a derrota do Exército Russo e este convidando os camponeses à pilhagem das terras tiveram efeitos conjugados. Milhões de homens que estavam nas linhas de frente, nas trincheiras, atiraram-se aos campos, à pilhagem das terras alheias, levando consigo fuzis, granadas de mão e até metralhadoras.

Em cada aldeia instalou-se um "soviet", tendo à frente o primeiro marinheiro ou soldado, e cada "soviet" começou a legislar, a administrar... Foi o período de liberdade *ilimitada*; cada qual tinha o direito de fazer o que quisesse!

A fome começou logo a assolar o País e Lenine, instado a tomar medidas e providências que diminuíssem o número de mortos pela fome, proferiu as seguintes palavras, que bem retratam aqueles ominosos tempos: – "*o Governo não lhes pode dar pão, aqui em Petersburgo não há trigo; que morram de fome aqueles que, com o fuzil nas mãos, não puderem descobrir alimento*".

A anarquia foi completa e conduziu aos mais incríveis excessos. "Soviets" anarquistas pululavam pelas cidades e aldeias, governando discricionariamente.

Em algumas cidades as próprias mulheres foram *nacionalizadas*, consideradas como propriedades do Estado, arroladas como coisas públicas: foram consignadas, em certos casos, até aos lupanares oficiais, onde eram cedidas a prazo fixo aos portadores de cartões especiais distribuídos pelos "soviets" locais...

Seguiu-se o chamado *Comunismo de Guerra*, que foi a fase do despotismo ilimitado, contrastando com a *liberdade ilimitada* do período anarquista.

Forçado a lutar contra as resistências interna e contra algumas agressões externas (entre elas aquela levada a efeito pelo Exército Polonês, ao mando de Pilsudsky, que chegou a ocupar Kiev), o partido bolchevista recrutou forças armadas e o País entrou em absoluto pé de guerra.

O *despotismo ilimitado* continuou a lançar mão do *regime de terror*.

Essa foi a fase da máxima crueldade. Num só ano (em 1919) foram mortas um milhão e quinhentas mil pessoas, isso unicamente pelas Tche-Kas; e como prisões fossem totalmente insuficientes para a grande massa dos detentos, instalaram-se grandes campos de concentração para tais infelizes.

Foi então que apareceu a satânica invenção: - o *fuzilamento condicional*; significando que as vítimas das Tche-Kas eram condenadas a prazo fixo, isto é, deveriam ser executadas em tal ou qual data, distantes às vezes de um mês, de três ou quatro e, não raro, até de um ano. Um requinte de perversidade, de sabor bem bolchevista.

O *terror* deixou de ter aplicação "individual", passou a ser aplicado às "massas".

Um dos principais dirigentes das Tche-Kas, um certo Latziss, declarava, nas instruções dadas aos seus subordinados: - "nós não exterminamos indivíduos isolados e sim classes, em particular a classe burguesa. Pouco importa que determinados indivíduos tenham ou não agido contra nós. O que deveis syndicar é a que classe pertencem, qual a sua origem, a sua educação e a sua profissão; - pois são estas as circunstâncias que devem decidir da sorte de tais indivíduos".

E para que se não pense que as Tche-Kas indevidamente exageravam os planos e os propósitos bolchevistas, citaremos a célebre fórmula de Lenine e de Stalin: - "bolchevismo = tchekismo"!...

"Todos nós somos tchekistas", declararam eles, com orgulho.

Esse período do comunismo Russo foi denominado "*heróico*". Triste heroicidade!

Nele Trotsky tomou parte saliente, debelando com pulso de ferro e com inaudita crueldade várias revoltas armadas.

Recrudescer a fome, que no ano de 1921-22 causou a morte de cinco milhões de pessoas. Foi quando se verificaram verdadeiras cenas de canibalismo, de antropofagia. Homens caçavam homens, a laço e a fuzil, para se alimentarem de carne humana.

Idênticas cenas reproduziram-se mais tarde, em 1930-31, quando a fome novamente invadiu o "paraíso soviético"...

Seguiu-se um terceiro período ou fase, que foi a fase inicial do recuo, e que teve o nome de *Nova Política Econômica*.

Lenine deixou então de ser o encarniçado defensor dos princípios bolchevistas tidos como fundamentais, e, pelo contrário, procurou entender-se com a burguesia internacional, a cujos capitalistas concedeu regalias especiais. Fê-lo, contudo, mistificando, revelando flagrantes incoerências de expressão e de ação.

Voltaram à Rússia, nessa época, os "interesses privados" e as "iniciativas individuais".

O "natural", expulso em 1917, começou a "voltar"; – não "a galope", como diz o ditado já por nós aludido, mas lenta e penosamente...

Já por essa época a Rússia havia perdido várias Províncias e Territórios, alguns de grande extensão, tais como – Polônia, Lituânia, Finlândia, Letônia, Bessarábia, uma parte da Turquia e a Pérsia. Essas perdas atingiram um total de 870.000 quilômetros quadrados de terras que eram habitadas, no momento, por 28 milhões de pessoas.

Esses 28 milhões de pessoas levantaram as mãos aos céus, pois se julgaram livres para sempre do comunismo, mas quis o mau fado, no entanto, que se vissem, um quarto de século mais tarde, novamente sob o jugo soviético.

Aquelas perdas nada significavam, contudo, para os bolchevistas, para os quais a noção de Pátria é, pelo menos teoricamente, *inexistente*.

Data dessa terceira fase, da N.P.E., o inepto reconhecimento da ditadura comunista por várias Nações, muitas das quais tiveram mais tarde de deplorar o fato, mercê da insidiosa propaganda bolchevista nelas iniciada, mantida e incrementada.

Em janeiro de 1924 morria Lenine, mas não antes de haver tido grandes desilusões. É curioso observar que os seus biógrafos citam a seguinte sentença, por ele proferida no fim de sua existência: – "de 100 bolchevistas, 70 são canalhas e 29 imbecis"... Portanto apenas 1 bolchevista, no seu valioso e autorizado conceito, não era nem canalha nem imbecil.

É edificante essa síntese, feita pelo próprio criador do bolchevismo!

Por ocasião da morte de Lenine o partido comunista tinha, na Rússia, apenas 362.000 aderentes; e esses 362.000 bolchevistas, dos quais 253.000 eram *canalhas* e 104.980 *imbecis*, – segundo a afirmativa autorizada do Chefe do partido, dominavam uma enorme massa de 150 milhões de habitantes (em 1924)!

Desses 362.000 adeptos do partido comunista, apenas 22% eram operários, o que é também surpreendente, tratando-se de um partido apologista da ditadura do proletariado. Não admira, portanto, que esse comunismo feroz, irrompido em 1917, se tivesse abrandado paulatinamente, – por ser inteiramente impraticável na sua virulenta forma original –, até chegar à sua contextura atual; contextura que, embora ainda detestável, está, contudo, muito longe do comunismo integral, Trotskysta cem por cento, transcendendo a Engels e a Karl Marx.

Veremos, a seguir, como as cruéis ideologias de Lenine e Trotsky, atuadas pelas leis inexoráveis que governam a natureza humana, se transmutaram no regime moscovita de agora, que é, nada mais nada menos, uma *ditadura sobre o proletariado*, caracterizada por um *exótico socialismo totalitário com leis capitalistas*.

V

A atuação do déspota Stalin. As fases derradeiras do comunismo Russo, até 1942. O retorno ao regime capitalista, na própria Rússia. O baixo padrão de vida dos operários.

De 1924 para cá a infortunada Rússia, que aliás deixou de ser Rússia para se tornar uma inexpressiva U.R.S.S. (significando União das Repúblicas Soviéticas Socialistas), caiu nas mãos de outro feroz ditador – Stalin.

Isso depois de haver passado pelo Governo transitório de um triunvirato, composto do mesmo Stalin e de dois outros bolchevistas, Kamenev e Zinoviev, já agora "passados pelas armas", já "fuzilados", pelos seus camaradas de credo.

Stalin, célebre (tristemente célebre...) pelo ataque e conseqüente saque de um carro blindado do Banco de Tiflis, no Cáucaso, ataque por ele pessoalmente chefiado, em 1909, vem se mantendo no poder desde a morte de Lenine e o banimento de Trotsky.

E o que tem ele feito? – Para evitar o mais completo desastre, tem voltado pouco a pouco ao regime chamado "capitalista"; tem evoluído exatamente para o regime contra o qual os bolchevistas se insurgiram em 1917!

Assim, depois de 28 anos de cruel odisséia, de morticínios, de terror, depois de mortos – pela fome, pelo frio e pelas balas das Tche-Kas – muitos milhões de russos, os bolchevistas se vêem forçados a retornar, gradativamente, aos sistemas burgueses. Que triste epílogo e que dolorosa lição.

Foi, contudo, só de 1933 para cá que se acentuou esse recuo.

Houve, com efeito, em 1927, um recrudescimento de comunismo ultra-vermelho, brutal, com o chamado período de "Socialismo nas Aldeias", período que constituiu a quarta fase da evolução do bolchevismo na Rússia.

Foi uma cruel provação para os camponeses moscovitas, que se viram trucidados sem piedade. Cerca de 25 milhões de propriedades, pertencentes a camponeses, foram requisitadas pelo Estado, foram "nacionalizadas" o que se operou à custa de massacres e inenarráveis violências.

Tornou-se necessário, para realizar essa "nacionalização", empregar um verdadeiro exército de *funcionários* do Estado, avaliado em cerca de 8 milhões.

Pobres camponeses russos, passaram verdadeiros martírios.

Nessa altura da tragédia Stalin declarava: – "se a nacionalização do campo (das fazendas) tiver de custar a vida de 20 milhões de camponeses, mesmo assim isso será feito sem hesitação!"

Outra conhecida sentença de Stalin, que concorre para bem retratar o façanhudo ditador, foi aquela proferida em resposta a uma pergunta de Lady Astor, membro do Parlamento Britânico, quando de vista a Moscou: – "continuarei a matar gente enquanto isso for necessário à vitória da causa"! (Missão em Moscou" – pág. 404).

Centenas de milhares de campônios, de mistura com intelectuais de todos os matizes, foram empregados, nessa época, nos trabalhos de abertura de canais, de estradas, na extração de ouro, carvão e petróleo, etc.

Escravidão em massa, trabalhos forçados, sem outra recompensa a não ser aquela de não ser fuzilado.

Escravidão só comparável às das massas humanas que construíram, nos primórdios da História, as pirâmides do Egito, a Torre de Babel, os jardins suspensos de Semíramis e as muralhas da China...

Para cúmulo da desdita, foi nessa ocasião (1927) que o problema das *crianças abandonadas* tomou uma feição muito grave e profundamente desoladora.

Meninos e meninas, de 10 a 16 anos de idade, abandonadas, sem abrigo, famintos, formaram grupos de verdadeiras feras; grupos que se atiraram ao saque e à pilhagem, nas cidades e aldeias, e tiveram de ser caçados também a laço e a fuzil. Esses meninos e meninas viajavam por debaixo dos vagões de estradas de ferro ou clandestinamente nos carros de carga e, quais lobos famintos, se atiravam às migalhas de comida que iam encontrando. Ao mesmo tempo, propagavam toda a sorte de moléstias infecciosas.

Como resultado de tão bárbara opressão surgiram inúmeros complots, revoltas e sedições, como reações espasmódicas das massas brutalizadas.

Mas, como dissemos, de 1933 para cá houve nova reviravolta, desta vez uma reedição aumentada daquele recuo em direção do "capitalismo burguês", recuo que já tivera a sua fase inicial em 1922 e 1923.

Foi essa a *quinta fase* da evolução do comunismo Russo, chamada da *tendência à democracia*, e que, com algumas reservas, pode ser considerada a fase atual.

Precisamente na primeira metade, já decorrida, dessa quinta fase, foi que o ditador russo Stalin, dando provas de enorme incoerência e de positiva má fé, prestou maior atenção à *Propaganda Comunista* no exterior; – o que teve cunho verdadeiramente paradoxal à vista do retorno paulatino às normas da vida burguesa que ele próprio vem incrementando dentro da Rússia, e cada vez mais, retorno que implica na admissão inequívoca da falência do regime comunista...

A propaganda externa comunista é toda ela eivada, portanto, de profunda má fé, pois os bolchevistas sabem, melhor do que ninguém, a que desastrosos resultados culminou, na infeliz Rússia, a exótica ideologia marxista.

De má fé, conseguintemente, com o intuito de envenenar o mundo, Stalin soltou os seus agentes pela China, Ásia interior (Mongólia, Afganistan), pela Pérsia, Marrocos, e depois pela Alemanha, Hungria, Tchecoslováquia, Espanha, França, México e repúblicas Sul-Americanas. Como efeito da instilação do terrível tóxico bolchevista no organismo social das Nações, o mundo presenciou cruéis lutas na Alemanha, na Hungria e na Espanha, que foram finalmente vencidas pelos elementos sãos, após grandes sacrifícios de vidas.

Não obstante, o comunismo vem perdendo terreno na U.R.S.S., desde 1933, e tudo indica que continuará a fazê-lo até completo retorno ao regime democrático capitalista.

Já lá existe propriedade privada, desigualdades econômicas e sociais, o dinheiro circula como nos países burgueses, os salários variam grandemente, de acordo com a capacidade produtora dos operários, há hotéis e restaurantes de luxo (evidentemente para estrangeiros e para os poucos russos que ganham 2.000 rublos mensais...), há institutos de beleza (!!), há três classes diferentes nas estradas de ferro, etc., etc. Mas persistem o despotismo e a ausência de liberdade; – e o regime, longe de representar a *ditadura do proletariado*, é, pelo contrário, como assevera o ex-Embaixador Joseph Davies, a *ditadura sobre o proletariado!*

Só há liberdade para cumprir as ordens do Partido Comunista, a grande massa do povo tem um baixo padrão de vida, o materialismo continua sendo incentivado, a consciência *individual* vem sendo ainda substituída pela consciência *coletiva*, as denúncias e delações ainda figuram na ordem do dia, o *terror* continua campeando.

É banal a esposa denunciar o marido, o filho ao pai, a irmã ao irmão, o que mostra como podem ser degradados o sentimento, a consciência e o caráter humanos. Isso está, aliás, estritamente acorde com o conselho dado por Lenine, e ao qual se refere textualmente o já mencionado ex-Embaixador Davies, a saber: – "Não confia em ninguém, espreita a tua própria mulher, espreita os teus filhos, denuncia as suas atividades ao Governo". ("Missão em Moscou" – pág. 133).

Quanto ao *terror*, eis o que a respeito vem relatado no livro "Missão em Moscou", às páginas 160, 302, 303, 304 e 406: – "O *terror* aqui é um horrível fato. Inúmeras evidências, aqui em Moscou, mostram que o medo atinge e apavora todos os setores da comunidade. Nenhum lar, embora humilde, vive sem o receio constante de uma incursão noturna da polícia (geralmente entre 1 e 3 horas da madrugada); e uma vez retirada de casa qualquer pessoa, nada mais dela se ouve durante meses, e com frequência, nunca mais. Ninguém está livre da espionagem da polícia secreta. Esta é a regra em Moscou. Cada qual sente aqui os horrores do regime do terror. Há, por todos os lados, indicações desse regime. É geral a admissão de que a polícia secreta da *Ditadura do Proletariado* é tão brutal e cruel quanto à pior que houvesse existido sob o regime Tzarista. Isso representa, ao que parece, um velho costume russo".

Frisamos bem que essas declarações sobre o *terror* soviético figuram no livro mais sensato e comedido jamais escrito sobre a Rússia (não incluídos os livros de propaganda comunista, é claro), cujo autor foi condecorado recentemente com a Ordem de Lenine... Diz ainda o Sr, Davies, com toda a sua autoridade de observador, *in loco*, dos trâmites do regime comunista russo: – "O comunismo não é exequível. Não o foi na Rússia. O Governo russo não é comunista. É socialista, mas até mesmo esse socialismo tem sofrido repetidas modificações, que o fazem aceitar, cada vez mais, os métodos capitalistas e individualistas".

E ainda: – "Uma de duas coisas acontecerá com este regime soviético: ou se destruirá a si próprio, pelo fato de querer operar contra a natureza humana, ou tenderá para a *direita* e evoluirá para a forma democrática. O atual regime soviético representa um tipo de socialismo capitalista. Para se manter em existência o Governo comunista tem de aplicar princípios capitalistas, do contrário cairá ou será derrubado".

O ouro, o metal que Lenine chamara de vil e que asseverara não mais seria usado na U.R.S.S., senão para decorações interna de lavabos, privadas e banheiros, voltou a reinar tal qual nos países capitalistas, sobretudo de 1935 para cá.

O dinheiro readquiriu a plenitude do seu valor e da sua importância.

O valor real do rublo é de 8 centavos Americanos, ou seja Cr\$ 1,60.

Já é permitido ter "caixas de economia"; já existem nos bancos depósitos particulares.

O salário médio de um operário, na Rússia soviética, é de Cr\$ 315,00, equivalente ao curso real de 197 rublos. Os camponeses e agricultores ganham, no entanto, consideravelmente menos, pois recebem um salário mensal médio de 175 rublos, ou seja, Cr\$ 280,00.

Esses salários médios dos operários comunizados, comparados aos preços das coisas, das utilidades, na própria Rússia, impõem a todos um baixo padrão de vida!

O preço de um par de sapatos equivale a 37% do salário médio mensal de um operário industrial ("Missão em Moscou" – pág. 96) e um terno de roupa, feito de lã de qualidade inferior, custa a quantia correspondente a 3 meses de trabalho.

A vida nas fazendas coletivas ("kholkhozes") é dura, penosa, primitiva.

De 1935 para cá surgiram as classes operárias privilegiadas pertencentes à chamada corrente "stakhanovista".

O nome se origina de "Stakhanov", operário da região carbonífera. Parece que tal operário conseguiu, por processos especiais, aumentar grandemente a quantidade de carvão que ele anteriormente extraía das minas. O Governo sindicou então do caso, decuplicou-lhe o salário, e criou uma classe especial de operários "strakhanovistas", com salários muito superiores aos dos demais.

Os "stakhanovistas" ganham cerca de 700 a 800 rublos por mês nas indústrias, 400 a 600 nas culturas de vinho da Ukrania, e 200 a 300 nas fazendas coletivas.

Os salários pagos aos "strakhanovistas" desorganizaram muito a economia interna, pelo fato de provocarem grande desequilíbrio entre tais operários, de um lado, e a vultosa massa dos operários comuns. Reduziram então, em 1937, os salários dos "strakhanovistas", e, concomitantemente, elevaram o padrão produtivo deles exigido para classificação nessa categoria.

O resultado foi mau e perdura até a época presente.

VI

A Rússia na Segunda Guerra Mundial. Situação atual, de pós-guerra.

O imperialismo russo. Prognósticos para o futuro.

"Delenda" Rússia!

A todos surpreendeu a reação russa aos Exércitos invasores Alemães, isso depois desses Exércitos terem ocupado enorme extensão do território russo e haver chegado às portas de Moscou e de Leningrado...

Supunha-se, com efeito, que os vinte e tantos anos de regime comunista houvesse, de um lado, erradicado os sentimentos patrióticos dos "mujiks", muito de acordo com os postulados apátridas da teoria marxista; e, de outro, transformado o Exército moscovita num conglomerado inexpressivo de soldados e Oficiais "camaradas", iguais nos seus direitos e deveres, sem disciplina e sem espírito de hierarquia. Mas, em verdade, não aconteceu nem uma nem outra coisa, o que reflete ainda – e de maneira exuberante – o insucesso, na própria Rússia, da implantação do absurdo regime comunista...

Vinte e tantos anos de marxismo não conseguiram destruir no povo russo o amor ao solo natal; nem conseguiram afastar do Exército russo os princípios fundamentais da hierarquia e da disciplina, sem os quais esse Exército não passaria de um mero bando armado, de eficiência nula.

Assim, a reação russa à invasão Alemã foi tornada possível devido à existência de um enorme Exército formado nos moldes clássicos, moldes que excluem "in limine" as práticas marxistas.

Foi um Exército numerosíssimo, de grandes massas rígida e severamente disciplinadas, que, graças ao auxílio material e moral dos Estados Unidos e da Inglaterra, conseguiu estancar a avalanche Nazista e fazê-la depois retroceder em derrota.

Sem aquele auxílio material e moral não teria sido possível a resistência, e a Rússia teria sido irrefragavelmente esmagada na primavera de 1942.

Pela ironia do Destino, foi o *capitalismo* quem salvou o *comunismo*; ou, pelo menos, o que ainda resta do comunismo na Rússia...

Foi um *mal* necessário, que o capitalismo teve de causar.

O auxílio à Rússia bolchevista foi um *meio*, um excelente *meio*, de evitar maior mal, que tal seria o adiamento da derrota Alemã caso ocorresse a *débaclé* Russa.

É bem sabido que as formas totalitárias de Governo facilitam o preparo de forças armadas; forças que são, desde os primórdios da civilização, eminentemente autocráticas. Os Exércitos com que Hanibal se imortalizou e com os quais fez tremer Roma nos seus alicerces, eram grandemente constituídos de "escravos". E essas massas "escravizadas", bem conduzidas, sob o guante de severa disciplina, bateram-se admiravelmente e conquistaram esplêndidas vitórias.

Não deve admirar, portanto, que o Governo bolchevista russo, o mais despótico que o nosso Planeta já conheceu, o mais requintadamente *totalitário*, tenha podido lançar à batalha cerca de 12 milhões de homens; e que esses homens, sujeitos à férrea e implacável disciplina, tenham combatido com estoicismo e valentia!

Muito mais difícil seria armar, municiar e alimentar essa grande quantidade de combatentes, mas para isso houve o formidável auxílio Anglo-Saxônico, já aludido, que se não limitou a equipamentos bélicos propriamente dito e se estendeu, também, a alimentos de toda a espécie, a vestimentas idem, e até mesmo a botas e perneiras...

Dos Estados Unidos e da Inglaterra partiram, para as hostes bolchevistas, não só enormes quantidades de canhões, tanks, aviões, veículos motorizados, etc., como também ovos, leite, vegetais, batatas, etc., convenientemente desidratados ou reduzidos a pó, gorduras, margarinas, manteigas, etc.

As próprias botas russas denominadas "Vitiajnye", usadas no degelo, foram fabricadas em massa nos Estados Unidos e embarcadas para as estepes geladas; a própria sopa russa, chamada "Borscht", sob forma desidratada, saiu da América para nutrir os "mujiks" em luta; a própria carne de porco preparada à moda moscovita e denominada "Tushonka", saiu das fábricas do Middle-West para confortar os estômagos famintos dos soviéticos...

Algumas informações fidedignas sobre o poderio militar bolchevista serão por certo elucidadoras. Desde a primavera de 1941 até o verão de 1944, a Rússia mobilizou nada menos de 42 milhões de homens, das classes de 1888 a 1927.

O número de combatentes atingiu cerca de 12 milhões de homens!

Os oficiais e sub-oficiais eram abaixo do nível médio, porém muito corajosos, impulsivos e com grande iniciativa tática.

Recebiam instrução muito superficial, exclusivamente prática, de 3 a 6 meses de duração e não levando em conta o nível de instrução individual de cada um.

Na Escola Militar, 60% do "currículo" era dedicado ao treinamento militar e 40% ao estudo do comunismo...

O soldado russo revelou preparação muito fraca e os seus êxitos foram, com exceção das tripulações dos tanks e das formações motorizadas, unicamente devidos à *superioridade numérica*.

Se dispusessem tão somente da sua própria manufatura de tanks, canhões, aviões, munições e veículos, é fora de dúvida que os soviéticos não teriam alcançado êxitos.

A aviação foi de todo insuficiente.

A verdadeira força dinâmica do Exército estava limitada à artilharia e aos destacamentos motorizados.

As formidáveis perdas em homens e materiais atestam o preparo e a instrução inteiramente insuficientes dos soldados russos. Tais perdas são de estarrecer!

Assim, desde o princípio da guerra até meados de 1944, os russos tiveram:

Prisioneiros	6.200.000
Mortos nas frentes de batalha	7.600.000
Inválidos de guerra	3.200.000
Aptos para o serviço militar presos pelos Alemães durante a ocupação	3.000.000
Mortos na retaguarda das frentes	2.100.000
Feridos nos hospitais	2.200.000
Grande total	<u>24.300.000</u>

Quanto à Marinha soviética, nunca teve valor, nem estratégico nem tático, e nada fez de notável nem mesmo no Mar Negro. Durante a evacuação da Criméia, no inverno de 1941-42, sofreu perdas calculadas em 70%.

Afirmamos que desde 1933, até meados da última guerra, paulatinamente se veio processando o retrocesso russo, com o recuo do comunismo rubro Marxista e Leninesco para formas socialistas menos bárbaras, embora ainda detestáveis.

Citamos mesmo declarações do ex-Embaixador Davies, feitas há 4 anos, segundo as quais já não existia comunismo na Rússia, e sim um *socialismo* que empregava processos *capitalistas*; e exaramos, outrossim, a opinião, por ele manifestada, de que o comunismo russo, contrário à natureza humana, ou evoluirá fatalmente para a direita, para a democracia, ou então será derrubado.

A segunda guerra mundial, cujo auspicioso epílogo foi consubstanciado na derrota da Alemanha, criou contudo uma situação que irá modificar, de certo modo, o ritmo dessa transição prevista pelo Sr. Davies.

Essa situação não será de molde a pôr termo ao processo evolutivo, pois que este obedece às eternas leis naturais; mas irá retardar essa progressão, poderá mesmo refreá-la durante algum tempo.

E eis o grande perigo da época presente!

Mas qual será essa situação inquietante, surgida neste após-guerra, e que irá adiar a queda do comunismo? Esboçemo-la.

A vitória das Nações Unidas contra as chamadas Potências do Eixo só foi possível, em última análise, pela superveniência de dois fatores primaciais, a saber: – o domínio dos mares e os inigualáveis recursos industriais dos Estados Unidos. Foram condições indispensáveis para a derrota da Alemanha, da Itália e do Japão.

Esses dois fatores permitiram aos Exércitos russos magníficas vitórias na frente oriental Européia, conseguidas, como vimos, à custa de colossais perdas humanas.

No entanto, a solerte propaganda comunista, exercida "urbe et orbi" procura dar àquelas vitórias russas um desmedido significado, inteiramente fora de proporção com o seu valor real.

A resistência de Moscou, o cerco de Leningrad, a batalha em torno de Stalingrado, a reconquista da Criméia, etc., foram pintadas ao mundo com tal alarde que assumiram, aos olhos dos menos avisados, importância superior a feitos de muito maior envergadura realizados, na própria Europa, pelas grandes democracias Anglo-Saxônicas!...

Efetivamente, o seguro critério militar torna impossível igualar, como façanhas épicas, e quanto ao mérito, qualquer lance verificado ao longo da frente Russo-Alemã com a vitoriosa campanha anti-submarina no Atlântico e Mediterrâneo, com o emprego eficaz das vias marítimas para os maiores transportes de homens e de materiais que a História jamais registrou, com os desembarques operados na Normandia e no Sul da França, com a arrancada Anglo-Britânica através do solo francês, com a travessia do Reno, com a conquista do Ruhr, com a invasão das praias Africanas, ou com a campanha iniciada em El Alamein e terminada na Península Italiana...

As vitórias Anglo-Saxônicas foram integrais, inteiriças; – as russas foram subprodutos dos êxitos conseguidos, em todos os setores de atividade, pelas democracias capitalistas.

Foram os suprimentos bélicos procedentes dos Estados Unidos e da Inglaterra, entrados na Rússia por Murmansk e através da Pérsia, após longo e tormentoso trajeto marítimo, que permitiram aos "mujiks" lutar com denodo em defesa de Moscou, de Leningrad e de Stalingrad...

Não obstante, como dissemos, o grande público, trabalhado pela propaganda, insiste em atribuir à Rússia "magna pars" na vitória Aliada. E, pior do que isso, associa essa atuação ao regime comunista; – regime que, responsável por aquela atuação, reputada brilhante, passa logicamente a adquirir foros de bom, de conveniente, de apropriado...

É contra tal sofisma que convém advertir os incautos.

As primeiras consequências inquietadoras dessa indevida e infundada exaltação do regime que, há 28 anos, vem infelicitando a Rússia, já estão se revelando de modo inequívoco.

O marxismo, moribundo em 1942, recebeu saís de cânfora com a terminação da guerra, o que prolongará infelizmente a sua agonia.

Nos seus estertores ele procurará arrastar vítimas e depredar o mais possível.

Pequenos países como Estônia, Lituânia e Letônia, já estão sob o jugo soviético.

A nobre Finlândia, cujo povo é visceralmente avesso ao comunismo, está se debatendo nas garras do monstro. A Polônia, a eterna vítima da Rússia, está sendo degradada.

As zonas entregues à ocupação moscovita, na Alemanha, na Áustria e na Hungria, estão sendo comunizadas à força e talhadas em "kholkhozes"...

Os Balkans estão recebendo em cheio a ofensiva bolchevisante. A Bulgária e a Iugoslávia estão em efervescência, esta última dominada pelo comunista Tito.

A Rumania já está sendo espoliada no seu óleo, pela Rússia. A Turquia está sob pressão, visando os moscovitas a posse ou a internacionalização dos Dardanelos.

A Rússia quer bases no Mediterrâneo; investe contra o regime de Franco, na Espanha, e apóia o caricato agrupamento que se instalou no México para governar à distância, a 5.000 milhas de distância, aquela Nação Ibérica...

O *Comintern*, oficialmente inexistente mas, na realidade, ativo e operante, mantém a agitação comunista na França, na Bélgica, na Itália, na China, na América Latina.

O governo soviético vem de sabotar a Conferência de Londres, dos Ministros de Exterior, com as suas absurdas exigências, isso após haver perturbado o mais possível a Conferência de São Francisco.

Sabotou, igualmente, as altruístas atividades da U.N.R.R.A. e tentou usurpar, em proveito próprio, 60% dos fundos à disposição daquela instituição.

Agindo com desfaçatez e inabilidade a gente do Kremlin já irritou as grandes Potências Anglo-Saxônicas e o próprio Governo "trabalhista" Inglês.

Aliás esse Governo "trabalhista" não é comunista, longe disto... O marxismo jamais medrará na Inglaterra, – terra do bom senso e da tradição –, e com isso o provaram as recentes eleições gerais, quando os comunistas só conseguiram duas cadeiras entre as 640 do Parlamento.

Já o arguto Disraeli asseverara, certa vez, que: – "a coisa mais parecida com um *Tory* (*conservador*) era um *Whig* (*liberal*) quando nas rédeas do Governo"...

Nos Estados Unidos, a propaganda comunista não encontra eco, é inteiramente inócua. Uma verdadeira democracia, como a Americana, representa péssima cultura para o vírus marxista, que nela não pode proliferar.

Mercê das descabidas pretensões russas e do caráter destruidor do totalitarismo comunista, os campos internacionais já se vão nitidamente definindo. De um lado os Anglo-Saxões, congregando em torno de si todas as legítimas democracias; de outro, a Rússia soviética e as regiões limítrofes por ela dominadas.

A *segunda guerra mundial* vem de findar. Mas, se o morbus comunista não puder ser erradicado pelo próprio povo russo, ou se isso constituir processo demasiado moroso, a *terceira guerra mundial* terá de vir, fatalmente, para afastar do cenário da Terra o perigo do totalitarismo euro-asiático!

Urge rasgar um abscesso que, há 28 anos, vem infectando o organismo da sociedade moderna.

ANEXO N. 6

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

(Jornal do Comércio - 2-XI-945)

Apesar do término da guerra, a União Soviética rejeita o pedido dos correspondentes estrangeiros do levantamento de rigorosa censura nas suas notícias

O Sr. Molotov rejeitou a exposição feita pela Associação dos Correspondentes de Imprensa Anglo-Norte-Americanos, na qual os dirigentes dessa Associação solicitavam a suspensão da censura aos despachos da imprensa.

Em resposta, Molotov declarou verbalmente, por intermédio do chefe interino do Departamento de Imprensa Soviético, Lomakin, que a "carta dos jornalistas anglo-norte-americanos carece de fundamentos sólidos, não sendo possível, portanto, levá-la em consideração".

O texto da carta, datada de 12 de outubro passado, diz:

A Associação dos Correspondentes de Imprensa Anglo-Norte-Americanos quer deixar determinado o seu critério ante a censura imposta aos despachos de imprensa dirigidos aos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Agora que terminou a guerra, a União Soviética é a única das grandes potências aliadas que mantém estrita censura de tempo de guerra sobre as notícias escritas pelos correspondentes estrangeiros. Durante a guerra os correspondentes estrangeiros jamais fizeram objeções à censura, considerando-a como necessária à segurança militar. Entretanto, a censura em tempo de paz sobre todos os despachos referentes não só aos assuntos militares, mas também políticos, econômicos e culturais e todos os aspectos da vida da União Soviética elimina o valor dos correspondentes estrangeiros e cria uma geral desconfiança no estrangeiro para todas as notícias emanadas da União Soviética.

Queremos deixar determinado que estamos contra a censura, como princípio, Queremos, igualmente, protestar contra a aplicação da censura soviética. Ela é ditatorial e arbitrária. Os censores, frequentemente, variam a redação e deformam o sentido dos despachos. A censura é vacilante, e caprichosa. Varia de critério de dia a dia e de censor em censor.

Alguns censores não têm o necessário conhecimento do idioma inglês para a devida compreensão da mensagem submetida à sua consideração e, a miúdo, os censores não estão bem informados sobre os acontecimentos atuais. Frequentemente retardam tanto em liberar as mensagens, que, finalmente, as mesmas perdem o seu valor. Muitas vezes os despachos desaparecem no curso da censura. Os censores levam sua autoridade até as questões sobre as quais não tem jurisdição. Censuram arbitrariamente as informações procedentes de fontes não-soviéticas e que se referem a questões completamente alheias à União Soviética.

Afora os efeitos que tem sobre o jornalismo moderno, a censura soviética impede o fomento da compreensão e da promoção de boas relações entre a União Soviética e o resto do mundo. Agora, que terminou a guerra, pedimos-lhe, respeitosamente, que estabeleça as mesmas condições de livre informação que desfrutam os correspondentes soviéticos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

Sinceramente, de V. Excia.

(Ass.) *Associação dos Correspondentes Anglo-Norte-Americanos em Moscou.*"

